

DOS E PARA OS OPERÁRIOS

Questões metodológicas de pesquisa em jornais comunistas

(El Machete e A Classe Operária)

Fábio da Silva Sousa*

Recebido em 03/03/2012

Aprovado em 14/08/2012

Resumo: *O presente texto tem como objetivo realizar uma discussão sobre as possibilidades metodológicas de pesquisas em periódicos impressos, como fonte e objeto nos trabalhos de História. Serão apresentadas questões acerca da história, da materialidade, do discurso impresso, além de outras características desse objeto, que contemporaneamente já se consolidou como uma importante fonte nos estudos históricos. Para atingir o objetivo proposto, serão utilizados como exemplo de análise os periódicos *El Machete* e *A Classe Operária*, publicações oficiais, respectivamente, do Partido Comunista Mexicano (PCM) e do Partido Comunista do Brasil (PCB), abrangendo as décadas de 1920 e 1930.*

Palavras-chaves: *El Machete e A Classe Operária, PCM e PCB, Periódicos Comunistas*

ABSTRACT

*This paper aims to conduct a discussion on the methodological possibilities of research in journals, considering them both as source and object for the History field. It will be presented issues about the history, the materiality of the printed speech, and other characteristics of this object, that today is established as an important source in historical studies indeed. In order to reach the proposed objective, it will be used as an example of analysis the journals *El Machete* and *A Classe Operária*, official publications, respectively, of the Mexican Communist Party (PCM, in Spanish) and the Communist Party of Brazil (PCB, in Brazilian Portuguese), covering the decades 1920 and 1930.*

Keywords: *El Machete and A Classe Operária, PCM and PCB, Communist Journals*

* Doutorando em História e Sociedade pela Faculdade de Ciências e Letras, UNESP - Universidade Estadual Paulista, sob orientação do Prof. Dr. Carlos Alberto Sampaio Barbosa. Autor da pesquisa de doutorado “**Cultura Comunista, Revoluções e América Latina nas páginas de *El Machete* e *A Classe Operária*: O PCM e o PCB nas décadas de 1920 e 1930 (México e Brasil)**”. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP. fabiosilvasousa@hotmail.com

*O jornal não é apenas um
propagandista coletivo
e um agitador coletivo.
Ele é, também,
um organizador coletivo.*
Vladimir I. Lênin
“O que fazer?”

Introdução

Indiscutivelmente, os periódicos impressos já se consolidaram como uma importante fonte e objeto nas pesquisas históricas. Jornais, revistas, folhetins, folhetos, almanaques, entre outros tipos, trazem em suas páginas um registro do passado, mediado pelo olhar do(s) seu(s) produtor(es). Cabe ao historiador, munido de seu ofício, decifrar, interpretar e compreender as leituras do passado registradas nas diversas páginas impressas.

Contudo, os periódicos impressos passaram por um período de legitimação até chegar a esse status diante do historiador. Ao se debruçar sobre essa relação entre os impressos e o ofício do historiador, Tania Regina de Luca (2005, p.112) demonstra que no século XIX e nas primeiras décadas do XX, os jornais não eram considerados fontes adequadas de pesquisa, pois “(...) pareciam pouco adequados para a recuperação do passado, uma vez que essas ‘enciclopédias do cotidiano’ continham registros fragmentários do presente, realizados sob o influxo de interesses, compromissos e paixões. Em vez permitirem captar o ocorrido, dele forneciam imagens parciais, distorcidas e subjetivas”. Todavia, a mudança de paradigmas sobre a relação entre a História e suas fontes e documentos, realizada pela *Escola dos Annales* na década de 1930, modificou a maneira como as fontes impressas eram até então encaradas pelo historiador. A partir de então, foram escritas Histórias da Imprensa, e no Brasil, a partir do decênio de 1970, os próprios impressos se tornaram objetos de pesquisa histórica.

Essa importância dos impressos não deve ficar circunscrita apenas no Brasil. Como demonstra Regina Crespo (2010, p.9) os jornais e as revistas políticas, literárias e culturais tiveram um papel importante de inserção nas sociedades da América Latina: “Durante el siglo XX latinoamericano fungieron como un instrumento importantísimo

para que los grupos de literatos, artista e intelectuales expresaran sus ideas y así intervinieran en el acontecer cultural e político”.

A partir desses pressupostos, serão discutidos no presente texto, alguns caminhos da pesquisa histórica sobre fontes impressas, no caso, os jornais comunistas. Como exemplo, serão analisados alguns pontos dos periódicos *El Machete* e *A Classe Operária*, que, durante as primeiras décadas do século XX, tiveram um importante papel na atuação política e na difusão do Comunismo pós-Revolução Russa nas sociedades mexicanas e brasileiras.

Impressos: origens e (r)evolução

Segundo Peter Burke (2010, p.18) o jornal, no formato de páginas impressas publicadas em intervalos regulares, surgiu no início do século XVII, na Holanda, Alemanha e Inglaterra. Todavia, sua origem data de muito antes e está intrinsecamente ligada à fabricação do livro, a partir da invenção da tipografia de Gutenberg, entre 1430 e 1440. Esse processo de reprodutibilidade gráfica da leitura decretou o fim da hegemonia do latim, e introduziu as línguas nacionais nas obras literárias. Ao impulsionar uma grande produção de livros, a tipografia constituiu uma forma de *Capitalismo Literário*.

Para Walter Benjamin (1992, p.33), a imprensa foi bastante utilizada em propagar e legitimar socialmente a ascendente classe burguesa capitalista. Essa definição dos jornais como veículos de legitimação do Capitalismo foi elaborada por Honoré de Balzac (1978, p.175), em seu clássico, *As Ilusões Perdidas*:

O jornal em vez de ser um sacerdócio, tornou-se um meio para os partidos, e de um meio passou a ser um negócio. Não tem fé nem lei. Todo jornal é (...) uma loja onde se vendem ao público palavras da cor que deseja. Se houvesse um jornal dos corcundas, haveria de provar noite e dia a beleza, a bondade, a necessidade das corcundas. Um jornal não é feito para esclarecer, mas para lisonjear opiniões. Desse modo, todos os jornais serão, dentro de algum tempo, covardes, hipócritas, infames, mentirosos, assassinos. Matarão as idéias, os sistemas, os homens, e, por isso mesmo, hão de tornar-se fluorescentes.¹

Todavia, tal concepção não deve ser interpretada como homogênea sobre os periódicos impressos. A imprensa possui uma pluralidade de objetivos, discursos e sentidos. Se em um momento ela foi importante para a burguesia capitalista e, parafraseando outra passagem balzaquiana, se colocou ao lado dos grandes batalhões,² por outro lado, as folhas impressas também foram – e ainda são – um importante veículo de informação, combate e configuração de identidades de quem está à margem da sociedade capitalista, no caso específico aqui elencado, o movimento operário.

A descentralização dos periódicos impressos ocorreu no turbilhão revolucionário francês de 1789. Segundo Jeremy D. Popkin, o Antigo Regime possuía um único jornal diário e os outros periódicos que circulavam na terra de Rousseau eram de procedência estrangeira, o que garantia à monarquia francesa um controle praticamente total das notícias e informações que circulavam na sociedade. Com a Revolução e a instauração da liberdade de imprensa, a quantidade de jornais e panfletos políticos multiplicou-se, o que gerou, entre a população, a possibilidade de debater publicamente questões que antes ficavam confinadas em Versalhes. Contudo, essa liberdade de informações acabou expondo uma questão essencial para a imprensa: “Os revolucionários franceses foram os primeiros a enfrentar o paradoxo inerente à liberdade de imprensa num sistema representativo de governo: o povo pode escolher seus representantes, mas não prefere necessariamente a visão que estes têm de si mesmos às imagens criadas pela imprensa” (POPKIN, 1996, p.223).

Esse é um problema que envolve a questão da representatividade que vários segmentos sociais procuram na imprensa. A classe operária, ao não se sentir representada pelos jornais de grande circulação ou “burgueses”, criou os seus próprios periódicos impressos.

Produzidos de forma independente, os jornais operários foram escritos por socialistas, sindicalistas, gráficos, anarquistas, comunistas, entre outros, e suas páginas são uma fonte riquíssima da visão de mundo que esses atores políticos construíram da sociedade em que viviam. A importância desse material é tão significativa para quem se debruça sobre a História do Movimento Operário que Cláudio Batalha (2000, p.64) define a Imprensa Operária como a expressão cultural mais visível desse segmento social. Contudo, não se deve ter uma percepção limitada de que as folhas impressas são

as únicas fontes de estudos sobre o Movimento e a Classe Operária. Apesar de sua importância, cabe destacar que há outras fontes de pesquisa, como os documentos das associações e dos sindicatos, os diários e as biografias de trabalhadores, militantes, ou líderes sindicais, e também processos judiciais, que fornecem ao pesquisador desse tema o olhar que o Estado e a Ordem construíram sobre a condição operária.

Como exemplo, temos os periódicos *El Machete* e *A Classe Operária*, respectivamente, folhas oficiais do Partido Comunista Mexicano, PCM, e do Partido Comunista do Brasil, PCB.³

Ao propor o estudo de tais impressos, é imprescindível que nos detenhamos também no PCM e no PCB, pois, como demonstra Jean-François Sirinelli, os jornais e revistas possuem um projeto coletivo e político, uma vez que são produtos também da aglutinação de intelectuais ou de grupos que desejam expressar as suas ideias perante a sociedade: “Em suma, uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade, e pode ser, entre outras abordagens, estudada nesta dupla dimensão” (SIRINELLI, 1996, p.249).

História da Imprensa e jornais como partidos

No processo de escolha dos jornais a serem pesquisados, torna-se relevante situá-los na História da Imprensa. No caso aqui destacado, os dois periódicos comunistas impressos foram publicados no mesmo período no México e no Brasil, situados nos decênios de 1920 e 1930, o que torna também relevante um esforço comparativo de análise de suas trajetórias.

O *El Machete* começou a ser publicado em março de 1924, como a folha informativa do Sindicato de Obreros Tecnicos, Pintores y Escultores de México, que em seu quadro contava com os pintores muralistas Diego Rivera, David Alfaro Siqueiros e José Clemente Orozco (LEAR, 2006, p.109).

No começo de 1925, esses artistas, juntamente com outros membros do sindicato, se filiaram ao PCM, e o *El Machete* tornou-se sua publicação oficial. Em 23 de maio de 1938, tornou-se diário e, em 15 de setembro do mesmo ano, mudou de nome para *La Voz de México* (PELÁEZ, 1980, p.60). A aquisição do *El Machete* pelo PCM

representou também uma mudança de orientação ideológica dos artistas integrantes do Sindicato de Obreros Tecnicos, Pintores y Escultores de México, como demonstra Viviane Gelado: “Com a criação d’ *El Machete* como órgão do Partido Comunista de México em março de 1924, a atividade do Sindicato de Pintores e Escultores migra dos muros dos edifícios públicos para ‘las columnas de este periódico [mural] revolucionário’” (GELADO, 2006, p.98).

A Classe Operária começou a ser publicada na data simbólica do dia Primeiro de Maio de 1925 e substituiu o periódico *Movimento Comunista*, que até então era editado pelo PCB. A criação de *A Classe Operária* seguiu uma orientação da Internacional Comunista, IC, para que o PCB lançasse um jornal de orientação operária voltado para as massas. Ao longo de sua trajetória, podemos definir cinco fases em que *A Classe Operária* foi editado: primeira fase: 1925-1940; segunda fase: 1945-1953; terceira fase: 1962-1964; quarta fase: 1965-1980 e quinta fase: 1985 em diante (REBELO, 2003, p.44). Esse periódico continua sendo publicado até hoje pelo PCdoB, sendo que seu último número foi lançado em novembro de 2011.⁴ Assim, *A Classe Operária* pode ser considerado o jornal de esquerda mais antigo da História da Imprensa Brasileira.

Os dois impressos tiveram o seu primeiro período de publicação na fase inicial de inserção do Comunismo na América Latina, e foram atuantes na consolidação e nas estratégias de embates dos partidos comunistas no México e Brasil. Para Burke (2010, p.24): “(...) a associação de jornais com partidos políticos tornou-se mais efetiva no início do século XX. Os exemplos mais óbvios da tendência vêm a partir da história do comunismo”.

Essa afirmação de Burke foi inspirada nas definições acerca do jornalismo realizado por Antonio Gramsci. Ao afirmar que os jornais constituem verdadeiros partidos, Gramsci estava em diálogo com a situação da Itália nas primeiras décadas do século XX. Para o comunista italiano encarcerado, os partidos políticos italianos eram desorganizados e descentralizados, e, em razão disso, utilizavam vários periódicos impressos para expressar suas opiniões e seus posicionamentos políticos diante do público. Para o autor, os jornais podem ser informativos e opinativos. Apesar de não conceituar diretamente os impressos de esquerda, sua definição de jornal de opinião vai

ao encontro do discurso político das publicações comunistas, pois ele “serve para reafirmar os próprios pontos de vista, para detalhá-los, para apresentar, em contraditório, todas as suas facetas e toda a casuística” (GRAMSCI, 2001, p.243).

Nesse sentido, os jornais comunistas, que também podem ser denominados como imprensa partidária, fazem jus à definição elaborada por Gramsci e corroborada por Burke. Contudo, essa concepção política e atuante atribuída aos periódicos impressos já fora elaborada por Vladimir Lênin, em 1902, na obra *O que fazer?*:

O jornal não é apenas um propagandista coletivo e um agitador coletivo. Ele é, também, um organizador coletivo. Neste último sentido pode ser comparado com os andaimes que são levantados ao redor de um edifício em construção, que assinala seus contornos, facilitam as relações entre os diferentes pedreiros, ajudam-lhes a distribuírem as tarefas e a observar os resultados gerais alcançados pelo trabalho organizado (LÊNIN, 1988, p.127).

Em seus escritos, Lênin afirmava que os periódicos não deveriam ser apenas folhas informativas dos partidos ou organizações operárias. Para o líder da Revolução Russa, os jornais comunistas deveriam ser parte integrante dos partidos constituídos a partir do marxismo-leninismo. Por essa concepção, tais periódicos recebiam a denominação de órgãos centrais, e todas as resoluções dos Partidos comunistas deveriam ser publicadas em suas folhas, além de documentos oficiais, entre outros materiais. Contudo, isso não era um entrave para que os partidos comunistas não publicassem outros jornais ou revistas, todavia, eram nas páginas dos órgãos centrais que as resoluções partidárias eram expostas ao público.

Por essa responsabilidade, manter a circularidade da publicação desses jornais, apesar da falta de recursos e da intensa perseguição policial, era essencial para os militantes comunistas. Encontramos uma comprovação dessa afirmação na trajetória do *El Machete* e de *A Classe Operária*.

No caso do órgão central do PCB, temos a história do Cabo Jofre, militante comunista que morreu ao defender a gráfica do periódico em 1935, em plena perseguição patrocinada por Getúlio Vargas. Tal episódio foi reconstruído por Apolinário Rebelo (2003, p.67):

Uma noite viu a casa cercada pela polícia gestapeana de Felinte Muller, nos dias negros da ditadura getuliana. Não se intimidou: minou a base da máquina impressora da 'CO' – Classe Operária – e o quarto onde estava camuflada, acendeu uma mecha, pulou a única janela existente na pequena casa, tiroteou sem cessar, com vistas a romper o cerco policial, tombando, entretanto, sem vida após uma rajada de metralhadora pelas costas, certamente sorrindo por ainda ter ouvido a forte explosão havida concomitantemente. Nada sobrou da pequena casa suburbana, nem da máquina impressora da 'CO', nem da tipagem, nem dos papéis ali existentes. Nada caiu nas garras dos cães policiais, ávidos por documentos secretos do Partido.

Se a *Classe Operária* era tão essencial aos militantes comunistas brasileiros, o mesmo pode ser dito sobre o *El Machete* para os militantes comunistas mexicanos.

Em suas memórias, Benita Galeana, prócere comunista mexicana, relatou que teve que enfrentar o machismo dos trabalhadores fabris do México quando distribuía, às escondidas, exemplares do *El Machete* nas portas das fábricas nos anos de 1930, como demonstra Daniela Spenser (2005, p.153):

A pesar de la policía confiscó la imprenta, el periódico del partido, El Machete, siguió circulando. Fue entonces cuando la organización le encargó a Benita su distribución. Se paraba las puertas de las fábricas y talleres para entregárselo a los obreros y aprovechaba cada manifestación para repartirlo. El trabajo no siempre fue grato, pues cuando se topaba con obreros que no simpatizaban con los comunistas, tuvo que escuchar hirientes comentarios machistas sobre su persona, pero no flaqueó: "Muchas veces salíamos de allí casi llorando al ver que nuestros mismos hermanos de clase, los trabajadores, nos trataban así, pero cuando nos encontrábamos con otros obreros que nos respetaban y nos sabían tratar como camaradas, se nos olvidaba todo."
Aguantar las majaderías de los hombres era un sacrificio menor de ver que El Machete seguía circulando entre los obreros y que el PCM en la clandestinidad no perdía el contacto con los trabajadores.

Tendo em conta esses dois casos expostos, podemos afirmar que para esses militantes, manter os periódicos comunistas em circulação seria o equivalente a manter os partidos funcionando. *El Machete* e *A Classe Operária* eram o PCM e o PCB nas ruas, nas fábricas, no campo, entre os trabalhadores e também entre os camponeses.

Materialidade

A questão da materialidade é essencial nas pesquisas em periódicos impressos. A estrutura física dos jornais e revistas revela muito de sua estratégia editorial e econômica. Não é demasiado reiterar que os jornais operários não buscavam uma relação de lucro quando eram impressos, fato que os distinguia da imprensa comercial, como teorizado por Jürgen Habermas (2003).

A maioria dos títulos impressos comunistas foi editada em quatro páginas e tinha o formato de tabloide. Contudo, tal formato sofria variações. Alguns números de *A Classe Operária* saíram com seis, oito e até 16 páginas. Por sua vez, o *El Machete* também apresentou uma mudança de páginas ao longo de sua trajetória impressa. A partir do nº 303, de setembro de 1934, o órgão central do PCM passou a ser publicado com 16 páginas, até maio de 1938, quando mudou de nome.

Por não serem periódicos que visavam o lucro, essas folhas comunistas enfrentaram também adversidades econômicas. Em época de crise financeira, era comum que esses jornais realizassem campanhas de assinaturas entre seus militantes comunistas, cujas cifras eram destinadas à manutenção do periódico em circulação. *El Machete* nos oferece um exemplo dessa estratégia.

No final da capa da edição de nº 263, publicada em 20 de junho de 1933, encontramos um pequeno *box* com o título “Por la vida de ‘El Machete’”. Nesse pequeno quadro, os editores do periódico comunista mexicano expunham que o jornal estava concentrado na Cidade do México e que circulava efemeramente nas fábricas e nos campos. Em outra linha do texto, também era sugerido que os militantes realizassem assinaturas do periódico, a fim de adquirirem exemplares extras que deveriam ser divulgados em pontos aos quais normalmente o *El Machete* não chegava. Pedidos de auxílios a militantes também eram corriqueiros nas páginas de *A Classe Operária*.

Em seu trabalho sobre a *Revista do Brasil*, Tania Regina de Luca (2011, p.2) fornece uma descrição da importância em se trabalhar com o físico dos periódicos: “A estrutura interna, por sua vez, também é dotada de historicidade e as alterações aí observadas resultam de complexa interação entre técnicas de impressão disponíveis, valores e necessidades sociais”. Rastrear a historicidade dos meios de impressão nos

mostra um quadro do desenvolvimento gráfico e também das dificuldades enfrentadas por cada título pesquisado. Sobre o segundo item, que iremos nos deter no momento, *A Classe Operária* nos fornece um exemplo:

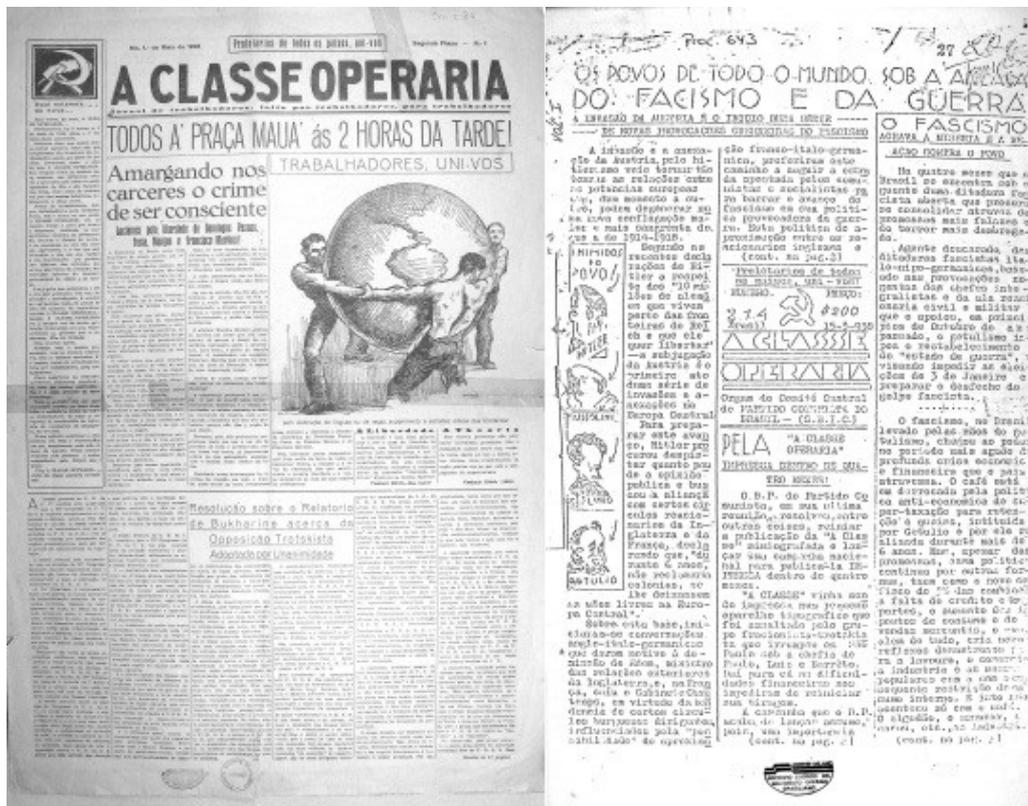


Fig 1: Lado a lado, as capas de duas edições de *A Classe Operária*, publicadas em 1928 e 1938

Centro de Documentação e Memória da UNESP/CEDEM

A primeira capa, à esquerda, foi da primeira edição de *A Classe Operária*, publicada em 1º de maio de 1928. Esse número significou uma retomada da publicação do jornal, após quase três anos de silêncio. Retomando um pouco de sua historicidade, a primeira edição de *A Classe Operária* saiu em primeiro de maio de 1925, e foram publicados 12 números quinzenalmente. A 13ª edição não saiu em consequência da repressão política do governo de Artur Bernardes, e essa edição de 1928, apresentou-se

ao público como o primeiro número da segunda fase do periódico. Ao seu lado, temos a capa da 214ª edição, de 15 de março de 1938.

É nítida a discrepância de qualidade gráfica entre os dois números. A edição de 1928, provavelmente, foi produzida por meio da técnica da linotipia. Já a edição de 1938, foi produzida praticamente de forma artesanal, com os textos escritos por meio da máquina de escrever e com muitos espaços feitos a mão. Contudo, é preciso ter em conta que o ano de 1938 foi bastante conturbado para o PCB. Nesse período, o Brasil estava no período da ditadura do Estado Novo de Getúlio Vargas, que intensificou brutalmente a perseguição estatal aos comunistas. A materialidade dessas duas edições exemplifica a crescente repressão que foi se abatendo sobre os comunistas brasileiros, que tinham as suas redações clandestinas fechadas e os seus veículos de comunicação e divulgação apreendidos pelas autoridades governamentais.

Essas duas edições do órgão central do PCB são exemplos do que já foi exposto anteriormente nesse texto. Independentemente das dificuldades financeiras ou das investidas policiais, essas folhas comunistas tinham de ser impressas e sair às ruas.

Os títulos dos periódicos também são outro ponto que o pesquisador deve levar em consideração no seu estudo. Para Luca (*Ibidem*), "Daí a importância da escolha do título e dos textos programáticos, que explicitam intenções e expectativas, além de fornecer pistas a respeito dos projetos compartilhados pelos propugnadores". Além do título, o logotipo também fornece algumas informações ao pesquisador. Vejamos os casos de *El Machete* e *A Classe Operária*:



Fig. 2: Logotipo do periódico *El Machete*

Em primeiro lugar, o termo espanhol *El Machete* traduzindo para o português significa “O facão”, instrumento muito utilizado pelos camponeses mexicanos. Ao colocar como título do periódico um instrumento de trabalho dos camponeses, os editores procuravam se identificar com esses atores sociais, e essa foi, portanto, a principal proposta dos artistas mexicanos que fundaram esse periódico. Ou seja, uma aproximação com o que eles consideravam ser a verdadeira alma do México: os indígenas e os camponeses.

Ao se tornar órgão central do PCM, o *El Machete* manteve o seu título original, que destoa dos inúmeros periódicos comunistas, cujos nomes eram alusivos à questão social, à problemática operária e ao comunismo. Devemos levar em conta que a classe camponesa foi o “motor” da Revolução Mexicana de 1910 e que os comunistas mexicanos procuravam dialogar não apenas com os operários, mas também com esses importantes atores sociais oriundos dos campos.

No logotipo de apresentação do jornal, o *El Machete* já demonstrava aos seus leitores a sua orientação política voltada ao comunismo, o que pode ser conferido pela frase, em espanhol, da última sentença do lendário Manifesto do Partido Comunista: “PROLETARIOS DE TODOS LOS PAISES UNIOS”. Abaixo da sentença, temos uma mão segurando um *machete* (facão) ao lado da famosa imagem da foice e do martelo (dentro de uma estrela), símbolos da bandeira da extinta União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, URSS. Por fim, o jornal se afirma como “PERIODICO OBRERO Y CAMPESINO”.

O logotipo do órgão central do PCB, por sua vez, apresenta características mais tradicionais da cultura comunista:



Fig. 3: Logotipo do jornal *A Classe Operária*

O logotipo da publicação do PCB possui algumas referências semelhantes ao jornal do PCM, como a mesma frase de encerramento do Manifesto do Partido Comunista, “PROLETARIOS DE TODOS OS PAIZES, UNI-VOS!”, e a foice e o martelo da bandeira da URSS fundida com o “O” de Operária. Ao contrário do periódico comunista do PCM, o órgão central do PCB procurou construir uma ligação direta com o operariado nacional. Além de manter um modelo tradicional dos impressos comunistas, podemos levantar como hipótese que *A Classe Operária* faz parte também de um modelo histórico dos impressos operários do Brasil, que antes da fundação do PCB em 1922, no final do século XIX e começo do XX, eram principalmente de orientação anarquista, anarco-sindicalista e socialista. Muitos dos títulos dos periódicos produzidos por esses operários militantes também eram alusivos sobre a questão operária e social, como *A Voz do Trabalhador*, *A Guerra Social*, *O Grito Operário*, *Terra Livre*, *A Hora Social*, *A Plebe*, *Tribuna Operária*, *Voz do Operário*, entre outros numerosos impressos que foram editados nesse período.⁵ Muitos membros fundadores do PCB eram antigos anarquistas, como Astrojildo Pereira, e esses indivíduos levaram as suas experiências dos meios libertários para o comunismo que estava em construção no Brasil.

Discurso impresso

O discurso dos periódicos é outro componente que deve ser levado em consideração pelo pesquisador. Os periódicos comunistas possuem um discurso essencialmente político, que perpassa por uma exaltação da URSS, do Marxismo e do Comunismo – como podemos conferir pelos logotipos analisados acima –, além de denúncias sobre as condições dos trabalhadores fabris – e no caso do *El Machete*, também dos camponeses – e, apresentam textos que incentivam a organização coletiva, tendo como objetivo arquitetar uma revolução social. Esse era o objetivo desses periódicos: fomentar uma Revolução no modelo soviético. Novamente, a França revolucionária de 1789 nos fornece um quadro teórico desse tipo de imprensa.

Os meios impressos foram essenciais para a Revolução Francesa. O aumento da leitura e da constituição de um espaço público de discussão potencializou a impressão

de diversos panfletos políticos. Ao trabalhar com esse material, Antoine de Baeque contabilizou, entre o período de 1789 até 1792, a publicação de 9.635 panfletos políticos, que estavam divididos em quatro categorias: 1) panfletos de conteúdo intelectual, que realizavam reflexões sobre o governo e as instituições; 2) ensaios políticos; 3) panfletos diários; 4) impressos que se detinham na polêmica política (BAECQUE, 1996, p.226).

Apesar de heterogêneos, esses panfletos tinham em comum uma crítica ao Antigo Regime e discutiam os caminhos que a França poderia trilhar depois da Revolução. Foi inegável o uso desses veículos impressos de comunicação para legitimar esse nova ordem que surgia, e como bem sentenciou Burke (2010, p.21), “a imprensa foi boa para a Revolução”.

Nesse caso, os livros, os impressos ou as práticas de leitura produzem uma Revolução? Roger Chartier formulou essa questão em seu estudo sobre as origens culturais da Revolução Francesa. Respondendo a sua própria indagação, Chartier (2009, p.139) afirma que os livros filosóficos foram resultados da ruptura social da França e que foi a Revolução que os fizeram e que conferiu aos escritos iluministas um papel insurrecional. O autor também argumenta que a sociedade francesa passou por um longo processo de modificação de sua relação com a autoridade do Rei, da Religião e da Leitura, ou seja, já existiam pré-condições culturais e sociais que impulsionaram a produção de uma literatura subversiva.

Dito isto, os periódicos comunistas tinham uma função educacional e pedagógica em suas páginas. Tais escritos não buscavam apenas denunciar a exploração capitalista do *status quo*, como também demonstrar aos seus leitores qual deveria ser o caminho ideal para uma emancipação política e social. Essas folhas se colocavam como uma vanguarda que guiaria os operários, se portando como detentores da verdade. Por possuírem esse sentido de leitura, os periódicos comunistas tinham um público leitor bem definido.

Tais impressos eram direcionados a indivíduos comunistas militantes ou operários e camponeses que poderiam se *converter* ao marxismo-leninismo. Ao contrário dos jornais de grande circulação e comerciais, que tinham como alvo um público consumidor, os impressos comunistas procuravam indivíduos com tendências

políticas e ideológicas, que se unissem à causa revolucionária. Identificar o público leitor é importante para que o discurso e suas estratégias sejam interpretados pelo olhar do investigador.

Contudo, deve-se ter um cuidado especial na interpretação do discurso político dos impressos comunistas publicados em regiões distantes de Moscou. A leitura do comunismo soviético interpretado nessas páginas não deve ser tratada de uma forma homogênea, a partir das diretrizes da IC e do estalinismo. Outrossim, o comunismo presente nas páginas de tais impressos deve ser tratado não como uma cópia do que vinha de Moscou, mas como um ideia, um conceito dinâmico.

A ideia de uma Revolução no modelo bolchevique-soviético circulou por todo o mundo durante quase todo o Século XX. Ao pensarmos na circulação de ideias, devemos perceber que os conceitos são reinterpretados, revistos e reinventados em cada sociedade. *El Machete* e *A Classe Operária* realizaram uma leitura distinta do comunismo ao serem influenciados por suas respectivas realidades. Deve-se fugir da tradicional leitura eurocêntrica, segundo a qual Moscou seria o centro ideológico, enquanto os outros países seriam uma espécie de simples “satélites”, o que resultaria em uma leitura de que estes não conseguiram realizar uma Revolução por não terem interpretado corretamente os escritos soviéticos.

Cada caso deve ser estudado em sua particularidade e especificidade, e o Comunismo deve ser interpretado em sua pluralidade. Tal definição não serve apenas para o PCM e para o PCB, mas também para a América Latina em geral, como atesta Elvira Concheiro Bórquez (2010, p.17):

(...) estamos tratando de ilustrar que, en una evaluación general, nutrida, sin duda, de la reconstrucción histórica de cada uno de sus componentes, el comunismo latinoamericano no puede ser conceptualizado simplemente como “calco y copia”; como simple instrumento de la política estatal soviética, sin por ello omitir ni un ápice el análisis de la ingerencia que por largas décadas y en determinadas circunstancias, el estalinismo y sus secuelas tuvieron en la vida y organización de los comunistas latinoamericanos.

Podemos levantar a hipótese de que não houve apenas um comunismo continental latino-americano. Apesar das diretrizes que eram enviadas do leste europeu,

tanto os militantes comunistas brasileiros quanto os mexicanos realizaram uma leitura particular dos passos que os bolcheviques escreveram sobre a emancipação dos trabalhadores diante do Capitalismo. Levar em conta essa dicotomia entre o internacional e o local é relevante na interpretação dos discursos impressos de *El Machete*, *A Classe Operária* e de outros jornais comunistas e de outras orientações políticas.

Considerações finais

Ao discutir nesse texto alguns pressupostos metodológicos da pesquisa sobre os periódicos impressos comunistas, não houve o objetivo de esgotar o tema. Muitos jornais, revistas, panfletos, entre outros impressos, possuem características distintas que impõem perguntas específicas ao pesquisador no decorrer do seu estudo.

Apesar de sua importância na atuação do PCM e do PCB nas primeiras décadas do século XX, *El Machete* e *A Classe Operária* foram tradicionalmente utilizados apenas como fonte, por pesquisadores do comunismo mexicano e brasileiro. Ao tratar esses impressos apenas como fonte, tais estudos não contemplaram as várias faces e as estratégias que essas folhas desempenharam, como canais de mobilização política em suas sociedades. Contudo, como brevemente analisado, quando tratados como fonte e objeto, esses periódicos impressos fornecem muitas informações das atuações dos partidos comunistas, da sua postura diante do Estado e de seus leitores, bem como, acerca de suas estratégias discursivas de crítica ao capitalismo e de elaboração de uma Revolução inspirada pelo modelo soviético de 1917.

Assim, torna-se saliente retirar a teia de aranha e o cheiro de naftalina que encobre esses dois impressos e pesquisá-los, na sua história, na sua materialidade e no seu discurso político, como também outros pontos que se revelarão ao investigador ao longo de sua pesquisa. Tal pesquisa, atualmente em andamento e cujas primeiras etapas de discussão foram expostas aqui, é relevante para a História do Comunismo e das esquerdas na América Latina, além de tapar uma lacuna na História da Imprensa Política do México e do Brasil.

Referências bibliográficas

- BAECQUE, Antonie de. “Panfletos: Libelo e mitologia política”. *In*: DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (Orgs). **Revolução Impressa. A imprensa na França, 1775-1880**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p.225-238.
- BALZAC, Honoré. **As Ilusões Perdidas**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BATALHA, Cláudio. **O movimento operário na Primeira República**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política**. Lisboa: Relógio d’Água, 1992.
- BURKE, Peter. “O Jornalismo na História”. *In*: MATTOS, Geísa; JAGUARIBE, Elisabete & QUEZADO, Ana (Orgs). **Nordeste, Memórias e Narrativas da Mídia**. Fortaleza: Edição Iris/Expressão Gráfica Editora, 2010, p.17-29.
- CRESPO, Regina. “Introdución” *In*: _____ **Revistas en América Latina: Proyectos literarios, políticos y culturales**. México, D.F.: Universidade Autónoma de México: Ediciones ÉON, 2010.p.9-34.
- CHARTIER, Roger. “Será que livros fazem revoluções?”. *In*: _____. **Origens Culturais da Revolução Francesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2009.p.113-146.
- CONCHEIRO BÓRQUEZ. Elvira. “Repensar a los comunistas en América Latina”. *In*: **Revista iZQUIERDAS**, Año 3, Número 7, 2010.p.17. Disponível em <<<http://www.izquierdas.cl/revista/wp-content/uploads/2011/07/Concheiro.pdf>>>.
- Acesso em: 10 jan. 2012.
- FERREIRA, Maria Nazareth. **A Imprensa Operária no Brasil. 1880 – 1920**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- GELADO, Viviana. **Poéticas da transgressão: vanguarda e cultura popular nos anos 20 na América Latina**. Rio de Janeiro: 7Letras; São Carlos, SP: EdUFSCar, 2006.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere. Volume 2**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

LEAR, John. “La revolución en blanco, negro y rojo: arte, política y obreros en los inicios del periódico *El Machete*”. In: **Signos Históricos**. México: UAM/Iztapalapa, Vol. VIII, nº 18, Julio-diciembre de 2006.p.108-147.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005. p.111-153.

_____. **Leituras, Projetos e (RE)vista(s) do Brasil (1916-1944)**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

LÊNIN, V. I. **O que fazer?** São Paulo: Hucitec, 1988.

PELÁEZ, Gerardo. **Partido Comunista Mexicano. 60 años de historia. I (Cronología 1919-1968)**. México: Universidad Autonoma de Sinaloa, 1980.

POPKIN, Jeremy D. “Jornais. A nova face das notícias”.In: DARNTON, Robert & ROCHE, Daniel (Orgs). **Revolução Impressa. A imprensa na França, 1775-1880**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p.195-223.

REBELO, Apolinário. **Jornal A Classe Operária. Aspectos da história, opinião e contribuição do jornal comunista na vida nacional**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2003.

SIRINELLI, Jean François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND, René (Org). **Por uma História Política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 231-269.

SPENSER, Daniela. “Benita Galeana: fragmentos de su vida y su tempo”. In: **Desacatos. Revista de Antropología Social**, México: CIESAS, n. 18, Maio-agosto de 2005.p.149-162.

Notas

¹ Distante de ser apenas uma ficção, os romances de Balzac foram escritos a partir do quadro social da França do Século XIX. A construção dos jornais em *As Ilusões Perdidas* representa as matizes da imprensa liberal desse período, cujas características de formação de sentidos e de opiniões, atreladas a interesses econômicos, são encontradas em impressos de outras sociedades burguesas.

² “Na imprensa, como na guerra, a vitória se colocará ao lado dos grandes batalhões!” (BALZAC, 1978, 237).

³ O PCM foi fundado em 25 de setembro de 1919 e reconhecido pela IC em 24 de novembro do mesmo ano. Foi o segundo Partido Comunista da América Latina, cujo pioneirismo cabe ao Partido Comunista da Argentina, criado em 1918. Em 1981, numa estratégia de unir os partidos esquerdistas do México, o PCM se fundiu a outras agremiações políticas, fundando o Partido Socialista Unificado de México, PSUM.

Descontentes com essa decisão, alguns militantes comunistas refundaram o PCM e declararam nula a dissolução do partido. Detalhes em: <http://www.comunistas-mexicanos.org/>.

No caso do Brasil, uma questão relevante sobre a nomenclatura do Partido Comunista do Brasil deve ser esclarecida. Diante da repercussão da Revolução Russa de 1917, foi fundado no Brasil o Partido Comunista, em 25 de março de 1922. A agremiação política foi batizada de Partido Comunista do Brasil e utilizava a sigla PCB. Após o 20º Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), realizado em fevereiro de 1956, quando o secretário-geral Nikita Krushev expôs a violência do regime stalinista, houve uma cisão no interior do PCB. Diante dessas revelações, no V Congresso do Partido Comunista do Brasil, realizado em 1960, foram decididas mudanças de orientação política e o nome da entidade, que passou a se denominar Partido Comunista Brasileiro, com a manutenção da sigla PCB. Na edição de nº 36 do jornal *Imprensa Popular*, publicada em março de 2012 e editada pelo comitê central do PCB, Ricardo Costa, Milton Pinheiro e Muniz Ferreira, discutem os motivos dessa alteração política do Partido: “As mudanças facilitavam a legalização do Partido, dando-lhe um caráter essencialmente nacional, ao refutar na prática o pretexto que sempre justificou a cassação da legenda, qual seja, o vínculo com a Internacional Comunista e a URSS, mas a argumentação não foi aceita pelos dissidentes.” (*Imprensa Popular*, “Breve balanço das polêmicas e dissidências dos comunistas no Brasil”. nº 36, março de 2012, p.12).

A cisão aconteceu dois anos depois, em 1962, quando um grupo descontente com os rumos do Partido Comunista Brasileiro decidiu romper, retomar o primeiro nome, e fundaram o Partido Comunista do Brasil, com a sigla PCdoB. Cabe ressaltar, que o PCB manteve uma linha ideológica atrelada as resoluções de Moscou, que nesse período estavam exorcizando o stalinismo, enquanto o PCdoB adotou uma postura maoísta, e, inclusive, lançaram em 1963, uma declaração no qual afirmavam que as declarações de Krushev não passavam de calúnias. Apesar de distintos, ambos os Partidos comunistas procuram se fixar na mesma origem. Em seu site, o PCB afirma que foi fundado em 25 de março de 1922, e que em 2012, serão comemorados 90 anos de sua existência. Encontramos as mesmas afirmações no site do PCdoB, inclusive, com um selo comemorativo de 90 anos do partido. O PCdoB faz parte da coalizão do governo petista de Dilma Rousseff e esteve envolvido no escândalo do ministro do esporte Orlando Silva. Fica a expectativa de como ambas as agremiações políticas irão comemorar os 90 anos de fundação do primeiro Partido Comunista em solo brasileiro, em março de 2012. Para detalhes, seguem os links dos sites dos partidos: PCB: <http://pcb.org.br/portal/>; PCdoB: <http://www.pcdob.org.br/>.

⁴ Esse número pode ser consultado no seguinte endereço virtual: <http://www.pcdob.org.br/classe-digital/>

⁵ Uma lista desses periódicos encontra-se em: FERREIRA, 1978, p.152.